

UMA FAMÍLIA MBYÁ-GUARANI EM PELOTAS

Autores

MOTA, Sérgio Luis Barbosa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Graduando do Bacharelado em Antropologia
sermota18@hotmail.com

BASTOS, Otília Mallôn

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Graduanda do Bacharelado em Antropologia
mallonotilia@yahoo.com.br

MACHADO, Priscila Evely Marinho

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Graduanda do Bacharelado em Antropologia
priscilaevely@gmail.com

ROSA, Maria Heloisa Martins

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Graduanda do Bacharelado em Antropologia
mariaheloisam@gmail.com

Orientador

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Professor do Bacharelado em Antropologia
rogerio_ros@yahoo.com.br

1- INTRODUÇÃO

Os moradores de Pelotas dizem que não existem mais índios no sul do Rio Grande do Sul (RS). No entanto, nós, alunos do curso de Bacharelado em Antropologia nos deparamos com ameríndios de diversas etnias (por exemplo, os Mbyá-Guarani, os Kaingang, os andinos) pelo centro da cidade, em especial no verão, vendendo artesanato, CDs musicais, apresentando danças.

Da mesma forma, instituições públicas como o IBGE, a FUNAI, setores da Igreja Católica atestam a existência de pessoas declaradas indígenas ou reconhecidas como tal, nessa região. Talvez, a visão de comunidades indígenas retratadas, por exemplo, no Parque Nacional do Xingu e pelas aldeias situadas na floresta amazônica tenham levado à invisibilidade social os ameríndios que se situam em outros territórios, que no seu

processo histórico tiveram significativo impacto de costumes e elementos da sociedade envolvente.

Nosso trabalho objetiva a realização de uma etnografia entre os Mbyá que habitam no município de Pelotas, além de registrar aspectos de sua cultura, suas relações com a sociedade brasileira e suas atuais condições de vida.

2- METODOLOGIA

Nós buscamos, de início, informações pela *internet* sobre a presença indígena na região sul do RS. O CECAME, Centro Colaborador em Alimentação e Nutrição do Escolar da UFRGS, nos revelou ter informações a respeito. A seguir, fizemos contato com este órgão que nos indicou a Secretaria de Educação de Pelotas. Nessa Secretaria obtivemos indicações precisas sobre a presença e a localização de uma família Mbyá em Pelotas.

Através da professora Ana Maria Silva, membro do Movimento de Cidadania e Ações Sociais do Caritas Diocesano, nós fomos apresentados a uma família Mbyá-Guarani, a mesma constituída de um casal e seis filhos, localizada em uma aldeia, o tekoa *Kapi'i Ovy*, na Colônia Maciel, 8º distrito Rincão da Cruz, município de Pelotas.

Nosso primeiro contato com os indígenas foi no dia 30/04/2010, no calçadão do centro comercial de Pelotas, onde eles expuseram artesanato para a venda. Ali nos apresentamos como alunos do Bacharelado em Antropologia da UFPEL, conversamos sobre a pesquisa que pretendíamos realizar sobre indígenas em Pelotas e sobre a possibilidade de eles nos darem informações e nos receberem em sua residência, no tekoa *Kapi'i Ovy*. Nós fomos à aldeia situada no Parque Farroupilha em três oportunidades, nos dias 01/05/2010, 08/05/2010 e 04/07/2010. Além desse primeiro contato, no dia 03/07/2010, nos encontramos com a família Mbyá com objetivo de observar a reação das pessoas frente a presença deles no Calçadão, bem como entrevistar os comerciantes próximos para saber como eles percebem a proximidade desses indígenas.

Para isso, utilizamos o método de observação participante e entrevistas semi-estruturadas, principalmente com o mbyá Lourenzo, o pai, que fala português fluentemente, e a mbyá Santa, a mãe, que se comunica em um frágil português. Nós colhemos informações sobre sua cultura, relações com outras famílias indígenas e vizinhos brasileiros, contatos com a parentela mbyá e modo de vida.

Para registrar entrevistas e músicas executadas pelo filho mais velho nós utilizamos gravadores de áudio, bem como, máquinas fotográficas para registramos as habitações, a paisagem da aldeia, os membros da família, o artesanato, além de

anotações no diário de campo dos dados obtidos durante as entrevistas e as observações.

3-RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da disciplina Etnologia Ameríndia I do curso de Bacharelado em Antropologia tivemos acesso a informações sobre as populações indígenas e, especificamente, sobre os Mbyá-Guarani, aspectos de sua cultura, sua localização, seus costumes e processo histórico. A etnóloga Celeste Ciccarone (2001) mostra que os Mbyá sempre estiveram em movimento, em um processo de migração fundamentado em sua cosmovisão, circulando independente das fronteiras nacionais. Nesta mesma obra, ela cita a passagem de grupos Mbya pelo tekoa *Kapi'i Ovy*, uma aldeia situada na Colônia Maciel, Pelotas.

O tekoa *Kapi'i Ovy* localiza-se no Parque Farroupilha, uma área de preservação ambiental, pertencente ao município de Pelotas, com cerca de 23 hectares de terras, distante 42 quilômetros do centro da cidade de Pelotas. Além dos Mbyá-Guarani, outras famílias de não-índios habitam esse espaço formado de mata nativa.

Em nossa primeira visita a *Kapi'i Ovy* conhecemos toda a família, além do casal, dois meninos de 16 anos de idade e um outro de 12 anos, além de quatro meninas com idades de 13, 6, 4 e 1 ano. Lourenzo nos mostrou a roça onde ele cultivava batata-doce, milho, mandioca. A sua casa é um chalé onde dorme o casal e as filhas pequenas, já os filhos maiores dormem em uma cabana feita de armação de taquara coberta de lona. Ele disse que gostaria de morar em uma casa tradicional feita de taquara, mas no local não tem esse tipo de material para construí-la. Esse tipo de casa tem um significado especial para os Mbyá, pois representa a tradição, a identidade, a proteção espiritual da divindade.

Na segunda visita, passamos, antes, pela paróquia da Colônia Maciel. Nessa oportunidade, nós entrevistamos o Pe. Armindo Capone e a secretária Maria de Oliveira Dias. Eles nos disseram que têm informações que há mais de 30 anos os Mbyá circulam pelo *Kapi'i Ovy*. Esses ameríndios ficam um período nessa aldeia e depois se mobilizam para outros espaços. Isto é, a família de Lorenzo se encontra ali há quatro anos, tendo vindo antes da aldeia *tekoa Irapuã*, essa situada no município de Caçapava do Sul.

Os contatos no centro de Pelotas e no *Kapi'i Ovy* nos proporcionaram um a série de informações sobre o modo de vida Mbyá. Lourenzo disse que quando vierem outras famílias para essa aldeia eles pretendem construir uma *opy*, a casa de rezas mbyá. Atualmente, os rituais de batismo e iniciação dos filhos são realizados no *tekoa Irapuã*, onde um karáí (o xamã da comunidade mbyá) dirige os rituais.

Apesar de essa família estar espacialmente separada de outras famílias da sua parentela, eles mantêm um contato regular visitando outros *tekoa* e recebendo visitas. Esses contatos são indispensáveis à continuidade cultural. Ao mesmo tempo eles mantêm uma boa relação com a Prefeitura Municipal, a igreja e a comunidade da Colônia Maciel, através dos quais eles recebem auxílios econômicos para a sua manutenção, como Bolsa Família, Luz Para Todos, rancho de alimentos. A família mantêm os elementos fundamentais da cultura mbyá, como o língua, a espiritualidade, a consciência de que são Mbyá, que tem maneiras próprias de ser e viver a qual querem preservar.

4-CONCLUSÕES

Relacionado com o *Tekoa Koenjú* (aldeia Alvorecer) dos Mbyá de São Miguel das Missões, que foi visitada por nós durante o Projeto Viagem Etnográfica Ameríndia, vemos que eles mantêm uma unidade cultural auxiliada por uma rede de contatos, proporcionada pelas visitas entre si. Ao mesmo tempo, precisam negociar a manutenção do ser Mbyá com a incorporação de elementos da cultura da sociedade envolvente, principalmente, ligados ao consumo de alimentos industrializados, o uso produtos eletrônicos. Como vão administrar esta interação é uma questão que se coloca ao lado de outra não menos importante: como eles se mantêm materialmente com limitados recursos disponíveis?

O que realizamos e obtivemos até agora é o início de um processo de pesquisa sobre a presença indígena na região sul do RS. Tratamos neste trabalho especificamente da sociedade Mbyá. É preciso uma reflexão sobre o que foi alcançado, mais contatos e estudo de outros trabalhos sobre a cultura mbyá. Na verdade, é uma cultura e uma sociedade que, mesmo em um processo de transformação, pressionado pela sociedade envolvente preserva elementos fundamentais de sua maneira de ser.

5-REFERÊNCIAS

- CICCARONE, Celeste. *Drama e Sensibilidade, Migração, Xamanismo e Mulheres Mbya Guarani*. São Paulo: PUC/SP, 2001.
- CLASTRES, Hélène. *Terra Sem Mal*. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- TEMPASS, Martin César. *Orerémbiu: a relação entre as práticas alimentares e os seus significados com a identidade étnica e a cosmologia Mbya-Guarani*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 2005.
- VIVEIRO DE CASTRO, Eduardo. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.